

Dossiê Paulo Freire centenário: a relação dialógica como processo de emancipação

Em memória ao educador brasileiro, nordestino e patrono da educação brasileira (lei nº 12.612), um dos autores mais citados em todo o mundo, no campo das humanidades, a revista Anthesis celebra o centenário de Paulo Freire (1921 - 2021) juntamente com educadores(a), pesquisadores(a), estudantes – nacionais e internacionais.

Paulo Freire ganhou notoriedade pela sua capacidade humana de pensar no outro, fundamentalmente naqueles mais desvalidos e excluídos da educação escolar. Freire vivenciou um Brasil de muitos jovens e adultos analfabetos, sua não neutralidade educativa o levou a pensar um método eficaz e rápido para alfabetizá-los, baseado no diálogo como método e nos temas geradores (realidade vivida pelos educandos) como conteúdo de ensino.

Estas marcas educativas sugerem uma revolução educacional, provocando nos educandos uma prática reflexiva de fazer educação, de aprender a ler e a escrever. A relação dialógica provoca nos homens e mulheres o reconhecimento de que são fazedores de história, vivem um processo de exclusão social diante a luta de classe do sistema capitalista. Nessas discussões há a instrumentalização tanto do ponto de vista da aprendizagem da leitura e da escrita quanto da superação do analfabetismo político, de modo que os educandos, através dos diálogos reflexivos, alcancem uma postura crítica da sociedade.

Seu método desperta homens e mulheres a fazerem perguntas indutoras, capazes de construir perspectivas críticas, no sentido de superar a alienação política, enquanto questionam e procuram desnaturalizar as imensas contradições as quais estão submetidos: por que alguns conseguem ascender socialmente e outros não? Por que os rostos das desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais, têm, quase sempre, a mesma cor e habitam as mesmas periferias desassistidas?

Falar sobre Paulo Freire é um exercício de rememorar a trajetória histórica da educação de jovens e adultos e as condições de inclusão/exclusão desse grupo populacional do processo educacional sistemático. Faremos, assim, um breve resumo

por décadas, a começar pelos anos de 1940 que traz uma marca significativa com os movimentos e a criação do ensino supletivo.

Nos anos de 1950, fundamentalmente no final desta década, com mais de 50% da população analfabeta, Paulo Freire entra em cena. Esse fato deixa o educador inquieto e ao mesmo tempo em busca de uma “dimensão **prática**” que envolve a urgência da “alfabetização e a conscientização das massas”, e uma “dimensão **teórica**” para incluir os jovens e adultos analfabetos nos processos produtivos e no mercado de trabalho de forma mais humana na condição de alfabetizados, criadores da cultura e da historicidade (FREIRE, 2011, p. 7-8).

Iniciam-se, a partir de então, os movimentos de cultura popular e círculos de cultura popular em que se experiencia o diálogo como método de ensino e os temas geradores enquanto conteúdos a serem ensinados e aprendidos. Conteúdos estes que extrapolam a memorização do “ba, be, bi, bo, bu”. Mas que discute temas como moradia, emprego, renda, trabalho, fome, miséria, habitação. Assim, as experiências que começam na periferia do Recife se expandem para o sertão nordestino, com o movimento que ficou internacionalmente conhecido como as “40 horas de Angicos”.

Essas experiências que têm início no final dos anos 50 se estendem até 1963 e, a partir do “golpe militar de 64”, Freire foi acusado de subversão à ordem, sendo preso, exilado, e suas ideias de educação libertadora proibidas de circular no país. Paulo Freire enquanto exilado coloca em prática o método que já tinha mostrado que, de fato, é possível alfabetizar os trabalhadores e trabalhadoras que não tiveram condições de permanecer na escola na “idade certa”.

Paulo Freire, durante o período da ditadura militar brasileira, no qual foi preso e exilado, levou suas experiências para fora do Brasil onde também ensina e se preocupa com questões educativas, sociais, políticas e econômicas. Desse período, surge a sua obra de maior envergadura, *Pedagogia do Oprimido*, obra imprescindível para compreender os fundamentos da pedagogia crítica.

O método dialógico criado por Paulo Freire não é construído de forma aleatória ou espontaneísta. Ele segue pelos menos 5 regras: 1) Levantamento do universo vocabular; 2) escolha das palavras, (Seleção a ser feita sob critérios: a — o da riqueza fonêmica; b — o das dificuldades fonéticas; c — o de teor pragmático da palavra, que

implica numa maior pluralidade de engajamento da palavra numa dada realidade social, cultural, política, etc.; 3) criação de situações existenciais; 4) elaboração de fichas roteiro; 5) decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores (FREIRE, 2011).

Com a redemocratização do Brasil (década de 1980), Paulo Freire volta ao Brasil e suas ideias de educação libertadora são retomadas nos programas voltados ao processo de alfabetização de jovens e adultos, dentre eles o programa Fundação Educar. Paulo Freire se destaca como um dos autores mais lidos no mundo propondo uma revolução no campo educacional através da pedagogia libertadora.

Os 100 anos de Paulo Freire foram marcados por vários eventos de natureza acadêmico/científica, por grupos de pesquisa, pelas Cátedras e revistas trazendo a relação teoria e prática na formação humana - *práxis* defendida por Freire em toda sua trajetória educativa. Neste sentido, vale ressaltar que temos vivido a beleza do pensamento freiriano, sua sensibilidade para com os grupos populacionais oprimidos, a necessidade de fazermos uma auto-reflexão sobre o ato pedagógico frente aos saberes necessários a quem ousa educar.

São muitos os elementos que atestam a fecundidade do pensamento de Paulo Freire e da pedagogia Libertadora, sua pertinência e vitalidade no processo de alfabetização de jovens e adultos. “Por seu trabalho na área educacional, Paulo Freire foi reconhecido mundialmente. É o brasileiro com mais títulos de Doutor Honoris Causa de diversas universidades, entre elas, Harvard, Cambridge e Oxford”. (EBIOGRAFIA, 2019)

Neste horizonte corroboramos com Carlos Brandão (1991, p. 103), ao escrever que “O diálogo é o sentimento de amor tornado ação. As trocas entre o homem e a natureza são originalmente regidas pelo diálogo [...] com o trabalho livre e solidário sobre a natureza o homem cria a sua cultura, transforma o mundo, faz a história e dá sentido à vida”. Sem dúvida as articulações teóricas e práticas propostas por Paulo Freire (2011), conduzem homens e mulheres à “curiosidade epistemológica”, atingindo assim a conscientização e a politização enquanto processos de emancipação.

No âmbito acadêmico/científico registramos neste **“Dossiê Paulo Freire centenário: a relação dialógica como processo de emancipação”**, experiências e o

pensamento de Freire ao longo de sua existência, cujos eixos se estruturam sobre: 1) Paulo Freire: vida e obra; 2) O diálogo como método de ensino; 3) Paulo Freire e a educação de jovens e adultos: conexões e saberes; 4) O trabalho pedagógico enquanto ato político; 5) Educação e mudança social.

Cruzeiro do Sul-AC, outubro de 2021.

Maria Aldecy Rodrigues de Lima
Professora na Ufac. Doutora em Educação. Líder do GEPEd
José Valderi Farias de Souza
Professor na Ufac. Mestre em educação. Doutorando em Educação na UFPR

Referências:

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **O que é o método PAULO FREIRE**. 17. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

EBIOGRAFIA. **Paulo Freire**. 2019. Disponível em:

<https://www.ebiografia.com/paulo_freire/>. Acesso em 01 set. 2021.